

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Veridiana dos Santos

FAMÍLIA E APRENDIZAGEM: a influência da família no processo de aprendizagem das crianças

Porto Alegre 2010

Veridiana dos Santos

FAMÍLIA E APRENDIZAGEM: a influência da família no processo de aprendizagem das crianças

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial
para a obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia pela
Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACED/UFRGS

Orientador:

Prof. Dr. Jaime José Zitkoski

Tutor:

Gerson Luiz Millan.

Porto Alegre, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluna: Veridiana dos Santos

Título: FAMÍLIA E APRENDIZAGEM: a influência da família no processo de aprendizagem das crianças

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus que me deu força para lutar e seguir em frente em meu caminho, que por muitas vezes fui tentada em me desviar dele.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte desta caminhada, pelos ensinamentos que tive, pois tenho certeza que estou mais preparada hoje, devido ao empenho destes, em trazer o novo e uma nova forma de ensinar.

Agradeço a algumas pessoas em especial, que marcaram realmente minha vida neste curso. Estas pessoas além de estarem ao meu lado nas horas mais precisas, nunca deixaram de acreditar no meu potencial, ou me fizeram desistir. Por muitas vezes, senti-me abandonando o curso, mas estas pessoas me chamavam para seguir. Estas pessoas são: Tutora Celi que iniciou os trabalhos comigo, auxiliando-me em todas as horas, professor Gerson Millan que me acompanhou em boa parte do curso, sempre com palavras de fé e sabedoria e que de maneira firme mostrou os passos para fazer um bom trabalho, o professor Crediné que sempre com graça encontra o melhor caminho para nossos problemas, a Tutora Melissa que me ajudou muito com as tecnologias e ao professor Jaime que compreende e oportuniza ao seu aluno reconhecer-se como infinito aprendiz na busca do saber ensinar.

Agradeço também a minha família que esteve ao meu lado em todos os momentos, acreditando na minha capacidade em vencer mais este desafio.

E agradeço a UFRGS, pela oportunidade de oferecer este curso e oportunizar a mim e as minhas colegas, alcançarem o nível superior de ensino, com qualidade e renome.

“É preciso força para sonhar e perceber
que a estrada vai além do que se vê.”

(Marcelo Camelo)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende mostrar a importância da participação da família na vida escolar da criança, independentemente de sua idade ou classe social. Para tanto, conta com aportes teóricos de Paulo Freire, Piaget, Tânia Zaguri, entre outros, que contribuiram para qualificar o trabalho. O trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo faz um referencial do que é família e de seu papel político na sociedade, destacando formas de valorização da auto-estima da criança no período de introdução ao ambiente escolar. O segundo capítulo faz referência ao desempenho dos pais e suas atitudes ao sucesso ou fracasso escolar. O terceiro capítulo traz informações coletadas em pesquisa, sobre a realidade escolar na visão dos pais, ou seja, de que forma vêem a escola e o que esperam dela. No último capítulo apresenta a proposta de união entre família e escola, visando um único objetivo: uma aprendizagem satisfatória e significativa para os filhos.

Palavras-chaves: Educação. Família. Aprendizagem. Escola. Autoestima. Participação.

ABSTRACT

This work of completion to show the importance of family participation in school life of children, regardless of their age or social class. For both, has theoretical support of Paulo Freire, Piaget, Tania Zaguri, among others, who contributed the work to qualify. The paper is organized as follows: the first chapter is a reference of what is family and his political role in society, emphasizing ways of valuing self-esteem of children during the introduction to the school environment. The second chapter makes reference to the performance of parents and their attitudes to success or failure in school. The third chapter covers information collected in research on the school reality from the perspective of parents, or how they see the school and what they expect of her. The last chapter presents the proposed union between families and schools, aimed at one goal: a satisfying and meaningful learning for children.

Keywords: Education. Family Learning. School. Self-esteem. Participation

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O VALOR DA AUTOESTIMA E DO APOIO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	14
2.1 O que é família e qual o seu papel na educação:	14
2.2 Identificando o papel da família na Legislação Brasileira.....	15
2.3 O incentivo como garantia de aprendizagem.....	16
2.4 O que é aprendizagem.....	18
2.5 O aspecto emocional como base do sucesso escolar.....	20
3 BONS PAIS E BONS FILHOS.....	23
3.1 O exemplo como referência.....	23
3.2 O fracasso escolar: quando a família prejudica.....	24
3.3 Como a família pode contribuir para a aprendizagem.....	27
4 O QUE OS PAIS PENSAM SOBRE A APRENDIZAGEM.....	30
4.1 A visão dos pais na relação família /escola, com base nas entrevistas.....	31
5 PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA: UMA UNIÃO QUE DÁ CERTO.....	36
5.1 Participação efetiva dos pais.....	36
5.2 O dever da escola.....	37
5.3 Unindo objetivos e respeitando resultados.....	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS.....	49

1 INTRODUÇÃO

Alfabetizar nos dias de hoje, tem sido um desafio cada vez maior, pois estamos numa época em que receitas prontas ao servem mais e o dia a dia é que direciona a nossa fundamentação teórica. Diante disso, compreende-se a dimensão da responsabilidade de um professor.

O ambiente familiar não é o único aspecto a influenciar na aprendizagem; é necessário entender que por trás da dificuldade de aprendizagem podem existir vários fatores, podendo ser de origem biológica, emocional ou social. No entanto, a família tem grande influência e pode amenizar ou agravar os sintomas, até mesmo no caso de dificuldades biológicas.

O ambiente familiar ajuda a criança a tornar-se mais esperta. A carência de estímulos cognitivos também no ambiente familiar faz com que ela não se desenvolva tanto quanto as que são estimuladas.

Entre os alunos que demoram mais para aprender, encontram-se famílias mais ausentes, onde não existe um diálogo, onde não existe uma participação ou interesse pela vida escolar da criança. São famílias que raramente aparecem na escola, nem para buscar as avaliações dos filhos. Algumas famílias porem, vendo que seus filhos não aprendem, pois apresentam dificuldade, ficam ansiosos e acabam prejudicando mais o processo, fazendo cobranças, demonstrando impaciência ou colocando toda a culpa na escola.

As crianças que aprendem com mais facilidade são aquelas que têm pelo menos um membro da família que investe nelas. Em alguns casos, nem são os pais, mas um irmão ou irmã ou outra pessoa que mora na casa e que, mesmo com um grau de escolaridade baixo, demonstra interesse pelas atividades da criança. Percebe-se, nestas crianças, mais desejo de aprender e mais coragem autoconfiança. Assim, por exemplo, a colaboração dos pais nas lições de casa faz com que a criança sintam-se motivada, segura e, conseqüentemente, aprenda com mais facilidade.

Desde que nasce a criança recebe estímulos da mãe e é envolvida por

diversas informações, que a faz criar um contato com o mundo e com o meio onde está inserida. Estes estímulos devem ter uma continuidade durante os primeiros anos de vida e principalmente quando a criança entra em contato com o ambiente escolar. O seu desenvolvimento cognitivo e sequencial, caminha de estruturas mais simples para estruturas mais complexas.

A família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida.

A alfabetização tem que ser acompanhada pela família. Os primeiros escritos, o incentivo à leitura, os brinquedos pedagógicos. Como é bom para o filho poder mostrar suas prodigiosas conquistas aos pais. E como é triste para o filho quando ele não encontra a devida atenção. O pai chega cansado e quer ver televisão, quer navegar na internet, quer ler, e a criança quer mostrar seu desenho sua lição de casa. São universos distintos, e o lado maduro e experiente deve dar atenção ao lado que ainda está no início do processo de desenvolvimento.

Qualquer projeto institucional sério depende da participação familiar: em alguns momentos apenas do incentivo; em outros, de uma participação efetiva no aprendizado, ao pesquisar, ao discutir, ao valorizar a preocupação que o filho traz da escola.

Tanto o êxito quanto o fracasso escolar começam em casa, pois é na família que o aluno encontra suas motivações, é lá que se constrói o desejo de aprender e a autoconfiança.

Nos dias atuais, os alunos estão carentes, pois seus pais trabalham o dia todo, e o tempo que ainda resta com os pais antes de ir para a cama, é precioso. E é esta falta de tempo dos pais para os pequenos ensinamentos com os filhos, que remete a escola cumprir com mais esta tarefa.

Mas família como instituição, não pode ignorar a sua responsabilidade na construção dos valores, dos deveres, dos bens comuns, dos pequenos ensinamentos do dia a dia, como por exemplo, sentar à mesa com todos reunidos. A falta de investimento neste tempo tão precioso por uma vida mais prática e rápida torna todo o resto sem sentido, também rápido e em significado. Por isso hoje nos deparamos com famílias desestruturadas, sem moral, sem princípios, sem valores, sem a base dos mandamentos construídos pela família.

Parece que tudo ficou para a escola ensinar. A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser, são responsabilidades da família.

A família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Por melhor que seja uma escola, por mais bem preparada que esteja seus professores, nunca vai suprir a carência deixada por uma família ausente. (CHALITA, 2001, p.17)

As famílias estão mais instáveis, delegando à escola maiores responsabilidades, sem a presença da mãe no lar, o que há poucas décadas ainda era exceção.

Hoje, o resgate de valores está a cargo da escola também. Temos muitos concorrentes que disputam a atenção de mentes menos críticas e mais facilmente induzidas, sem contar o abandono, desleixo, descaso, desamor, e tantos outros “dês” a que nossos alunos são submetidos.

Até que ponto a família tem influência sobre o aprendizado? Por que algumas crianças chegam à escola com uma bagagem de conhecimento bem maior que outras? A família auxilia no processo de alfabetização?

Neste contexto o trabalho está organizado em quatro capítulos, onde o capítulo um apresenta uma significação da família e seu papel perante a sociedade, nos deveres regidos por lei que garantem a educação dos filhos e o cumprimento destes deveres no dia a dia escolar. A família tem o compromisso de garantir o desenvolvimento pleno da criança em sua inserção no ambiente escolar.

Destaca que a aprendizagem é individual, mas se dá na relação. Então, apesar de significada familiarmente, depende, de uma apropriação individual em que se articulam construtivamente o organismo, a inteligência, o corpo e o desejo.

E assegura que para que a aprendizagem seja significativa, é preciso que a criança desenvolva seu aspecto emocional, com suporte no incentivo e apoio familiar.

O segundo capítulo destaca a família como base da referência para o incentivo à aprendizagem, ou seja, a criança repete o que vê e o que ouve. A família

é modelo para sua busca no aprender. Se o ambiente familiar não ampara, não incentiva a aprendizagem, é carente de estímulos, a família torna-se contribuinte dos problemas de aprendizagem, ou seja, do fracasso escolar.

Mas apresenta ainda que famílias presentes na vida escolar dos filhos, envolvidas e comprometidas, garantem uma aprendizagem mais sólida e autônoma.

O terceiro capítulo apresenta o modo como os pais encaram a escola, suas expectativas, dificuldades e divergências na relação escolar e o anseio de uma aprendizagem mais qualificada para os filhos, na espera de um futuro promissor.

Destaca relatos de pais entrevistados, justificando a necessidade de uma participação efetiva destes, na vida escolar dos seus filhos.

No quarto capítulo é possível perceber que a união entre a família e a escola, favorecendo um único objetivo que é a aprendizagem da criança, ganha fortes argumentos de que este é o caminho certo. Por mais que muitas escolas já tenham tomado a iniciativa junto aos pais, esta é uma realidade ainda distante para muitas outras escolas.

A escola e a família precisam assumir seus papéis, estando em uma mesma sintonia, para que ocorram aprendizagens sólidas e um desenvolvimento humano em todas as suas dimensões.

2 O VALOR DA AUTOESTIMA E DO APOIO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A abordagem a esse tema se faz necessária para que se possa compreender a importância dos fatores motivacionais para o processo de ensino aprendizagem dentro do contexto educacional. Desta maneira, a motivação colabora para que o aluno se dedique a alcançar a meta desejada, ou seja, o ajuda a buscar a realização de seus objetivos.

O contexto familiar desempenha um dos contextos mais importantes nos primeiros anos de vida da criança. Os alunos mostram-se bem mais interessados quando percebem que são valorizados e recebem apoio da família para seguirem firmes em seus objetivos, pois reconhecem que o incentivo, o amor, a amizade e a motivação contribuem para o desenvolvimento e crescimento escolar.

2.1 O que é família e qual o seu papel na educação.

A família é um sistema autocorretivo, auto governado por regras que se constituem no tempo através de ensaios e erros.

Segundo Kaloustian (1988), a família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes.

Gokhale (1980) acrescenta que a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação, bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto.

Uma das mudanças mais significativas é a forma como a família atualmente se encontra estruturada. Aquela família tradicional, constituída de pai, mãe e filhos

tornaram-se uma raridade. Atualmente, existem famílias dentro de famílias. Com as separações e os novos casamentos, aquele núcleo familiar mais tradicional tem dado lugar a diferentes famílias vivendo sob o mesmo teto. Esses novos contextos familiares geram, muitas vezes, uma sensação de insegurança e até mesmo de abandono, pois a ideia de um pai e de uma mãe cuidadores dá lugar a diferentes pais e mães “gerenciadores” de filhos que nem sempre são seus.

Além disso, essa mesma sociedade tem exigido, por diferentes motivos, que pais e mães assumam posições cada vez mais competitivas no mercado de trabalho. Então, enquanto que, antigamente, as funções exercidas dentro da família eram bem definidas, hoje pai e mãe, além de assumirem diferentes papéis, conforme as circunstâncias saem todos os dias para suas atividades profissionais. Assim, observa-se que, em muitos casos, crianças e adolescentes acabam ficando aos cuidados de parentes (avós, tios), estranhos (empregados) ou das chamadas babás eletrônicas, como a TV e a Internet, vendo seus pais somente à noite.

Toda essa situação acaba gerando uma série de sentimentos conflitantes, não só entre pais e filhos, mas também entre os próprios pais. E um dos sentimentos mais comuns entre estes é o de culpa. É ela que, na maioria das vezes, impede um pai ou uma mãe de dizer não às exigências de seus filhos. É ela que faz um pai dar a seu filho tudo o que ele deseja, pensando que assim poderá compensar a sua ausência. É a culpa que faz uma mãe não avaliar corretamente as atitudes de seu filho, pois isso poderá significar que ela não esteve suficientemente presente para corrigi-las.

2.2 Identificando o papel da família na Legislação Brasileira.

O dever da família com o processo da escolaridade e a importância da sua presença no contexto escolar é publicamente reconhecido na legislação nacional e nas diretrizes do Ministério da Educação aprovadas no decorrer dos anos 90, tais como: Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), nos artigos 4º e 55; Política Nacional de Educação Especial, que adota como umas de suas diretrizes gerais: adotar mecanismos que oportunizem a participação efetiva da família no

desenvolvimento global do aluno. Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), artigo 1º, 2º, 6º e 12; Plano Nacional de Educação (aprovado pela lei nº 10172/2007), que define como uma de suas diretrizes a implantação de conselhos escolares e outras formas de participação da comunidade escolar (composta também pela família) e local na melhoria do funcionamento das instituições de educação e no enriquecimento das oportunidades educativas e dos recursos pedagógicos. Ou seja, é exigível, não só da família, mas também da sociedade e do Estado, o dever de assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A família deve acolher a criança, oferecendo-lhe um ambiente estável e amoroso. Muitas, infelizmente não conseguem manter um relacionamento harmonioso.

O desafio que está posto nesta sociedade é o de aproximar a realidade das garantias previstas em lei, visto que a distância entre lei e realidade é a grande dificuldade de efetivação dos direitos humanos em nosso país.

Dessa forma, compreendemos que o compromisso de promover o desenvolvimento pleno da criança, adolescentes e jovens é de todos e todas.

2.3 O incentivo como garantia de aprendizagem.

Ir a escola é o momento de inserção da criança e dos pais no mundo social, sem poderem se esconder. Ou seja, a criança não tem como evitar a solidão, o medo, o desconhecido. Isso vai ocorrer, é inevitável e será a primeira vez a criança terá que contar com seus próprios instrumentos ou terá que aprender a pedir ajuda a pessoas estranhas, que não tem garantia de serem confiáveis. Se ela aprender a confiar em si e confiar nos outros (e aí a tarefa dos pais desencadearem isso é definidor!) levará essa aprendizagem para todos os setores futuros de sua vida. Para os pais é o momento de mostrar o que fizeram com seu filho e aguardar a avaliação e o veredicto do social. Não tem como evitar isso. É claro que podem inventar álibis

e história, mas dentro de si a maioria dos pais, sabe que através do comportamento e da competência dos seus filhos na escola eles estarão sendo julgados. E isso é difícil, pois traz à tona todas as inseguranças, culpas, dúvidas e angústias.

De acordo com Tânia Zaguri (2003), o ser humano, por natureza, tem o desejo de sentir-se amado, aprovado, elogiado. Portanto, temos de aproveitar esse aspecto em prol da boa formação de nossas crianças. Quando o elogio vem da mamãe ou do papai então é que elas dão maior valor.

A autoestima começa a ser formada muito cedo, e cabe aos pais auxiliarem nesta formação, com amor, respeito, confiança, limites segurança, e tantos outros valores que norteiam a educação. Um indivíduo com baixa autoestima tem possibilidades de apresentar problemas como depressão e insucesso nos estudos e, mais tarde, na vida profissional.

A influência dos pais não se dá no nível intelectual, isto é, não é porque os pais são estudados e podem ajudar o filho a fazer seus deveres escolares que o desempenho da criança melhora. Nada disso. A ajuda dos pais é decisiva no aspecto emocional. O carinho com que eles cuidam do filho, o interesse sincero que demonstram com seu progresso escolar, o esforço que fazem para garantir boas condições de estudo em casa — tudo isso aumenta a autoestima da criança e faz com que ela se interesse mais em aprender, em levar a sério a escola.

A auto-estima norteia os interesses do aluno. É ela que fundamenta novas investidas em si mesmo ou não. Segundo Tânia Zaguri (2003), a autoestima (autoimagem ou amor próprio) é a forma pela qual o indivíduo percebe seu próprio eu. É o sentimento de aceitação ou de rejeição da sua maneira de ser. Se a pessoa se vê de forma positiva, valorizando suas características, ela tem autoestima elevada ou positiva. Se ao contrário, ela não se aceita ou se desvaloriza, isto é, se há inconformidade consigo mesma, ela apresenta baixa autoestima ou autoestima negativa.

É importante para os alunos conhecerem suas possibilidades e aceitarem suas limitações, gostando do que fazem e não fazendo comparações com os demais alunos. Se o aluno apresenta confiança e segurança no que faz e recebe apoio de seus familiares pelo seu desempenho, seu rendimento é muito maior do que o daquele aluno que apresenta insegurança e necessita agradar aos pais.

A autoestima é fundamental para o sucesso do indivíduo, pois quando a criança é amada. Desejada, estimulada pela família, ela a desenvolve positivamente, o que facilitará a sua aprendizagem.

A nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, a Lei 9.394, promulgada em 1996, trouxe para os meios acadêmicos a chamada Agapedia, isto é, a pedagogia do amor. É a LDB que ampara e nos oferece os dois mais importantes princípios desta pedagogia: o respeito à liberdade e o apreço à tolerância. Ambas, tem por fim o pleno desenvolvimento do educando, tendo como princípios básicos a liberdade e solidariedade humana, seu preparo para o exercício da cidadania ativa e sua qualificação para o mundo do trabalho.

Somente é possível desenvolver aprendizagem com autonomia na aquisição de conhecimentos e na formação de valores e atitudes, se elevarmos a autoestima do aluno, que deixa de ser um ouvinte, passando a ser sujeito em suas ações, não somente na escola, mas em todos os aspectos de sua vida.

Piaget fala da ligação entre a afetividade e a inteligência (1971, p. 190): “Tanto no agir como no conhecer a inteligência e a afetividade são inseparáveis. Todo ato intelectual vem ligado a algum sentimento ou interesse. De outra parte, cada disposição de sentimento, cada sensação, cada interesse, cada emoção encerra uma estrutura e com isso o vestígio de uma elaboração intelectual.”

Portanto o aluno necessita estar bem emocionalmente, com autoestima elevada, para desenvolver-se plenamente. Com este olhar o aluno deve ser desafiado a aprender, aprender a ser, aprender a fazer, aprender a encontrar soluções, aprender a viver coletivamente

2.4 O que é aprendizagem?

“A mãe urso mandará os filhotes subirem na árvore e os abandonará. Os pais humanos podem soltar seus filhos, mas podem também enredá-los perpetuamente na organização familiar.” (HALEY, 105 1973)

Para Sara Pain (1985), aprendizagem pode ser considerada uma função que,

especialmente na infância e na adolescência, garante a conservação e a expansão das estruturas do sujeito bem como sua adaptação à transformação contínua que lhe impõe o crescimento. Deste ponto de vista, o não aprender pode se visto como uma disfunção ou inibição do sujeito.

“Entretanto, o crescimento da criança, sua passagem à adultez, transforma continuamente sua posição com relação ao pai e a mãe, produzindo desequilíbrios que algumas vezes são compensados adequadamente e outras vezes não são. As perturbações na aprendizagem, normais ou patológicas, tendem a evitar aquelas mobilizações que o grupo não pode suportar do seu particular contrato de sobrevivência”. (PAIN, 1985)

A não aprendizagem não é o contrário de aprender.

Vigotsky (1988) ao considerar a aprendizagem como profundamente social, afirma que quando os pais ajudam e orientam a criança desde o início de sua vida, dão a ela uma atenção social mediada, e assim desenvolvem um tipo de atenção voluntária e mais independente, que ela utilizará na classificação e organização de seu ambiente. Tal consideração se baseia no fundamento de que o homem torna-se humano, apropriando-se da humanidade produzida historicamente. O ensino tem, nesse contexto, a função de transmitir as experiências histórico-sociais que se modificam no decorrer dos tempos

Cada um de nós tem, de acordo com suas vivências, sua modalidade própria de aprendizagem que se constrói desde o nascimento.

Uma criança aprende a caminhar, não porque tem pernas, e sim porque seus pais desejam que ela caminhe e a consideram capaz de caminhar. Apesar de saberem que quando uma criança sozinha poderá escapar e ir até onde eles não poderão controlá-la. (FERNANDEZ, 1996)

A aprendizagem é individual, mas se dá na relação. Então, apesar de significada familiarmente, depende, de uma apropriação individual em que se articulam construtivamente o organismo, a inteligência, o corpo e o desejo. Este desejo não é apenas daquele que aprende, mas também daquele que ensina.

José & Coelho (1999) também focalizam a aprendizagem significativa e aprendizagem como mudança de comportamento em função da experiência. Ressaltam que é comum as pessoas restringirem o conceito de aprendizagem

somente aos fenômenos que ocorrem na escola, como resultado de ensino. No entanto, o termo tem um sentido mais abrangente: compreende os hábitos que formamos os aspectos da nossa vida afetiva e a assimilação de valores culturais. Referem-se a aspectos funcionais, resultantes de toda estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida.

A aprendizagem é uma das modalidades de tratamento da informação que, por meio de ensaios e erros, e em função dos dados do meio ambiente interno e externo, conduz à modificação dos sistemas de pensamento, de ação e de emoção. Baseia-se nas diferentes formas de memória que integram dados eventualmente transmitidos de uma geração para outra. A aprendizagem permite, graças às experiências suscitadas pelas interações familiares e sociais, a aquisição dos automatismos inconscientes e pré-conscientes. (MIERMONT, 1994, pp. 75 e 76)

Segundo Vygotsky, as aprendizagens se dão em forma de processos que incluem aquele que aprende aquele que ensina e mais, a relação entre essas pessoas. O processo desencadeado num determinado meio cultural (aprendizagem) vai despertar os processos de desenvolvimento internos no indivíduo. Assim, o desenvolvimento não ocorre na falta de situações que propiciem um aprendizado.

Não se trata de memorizar, mas de relacionar, por meio de críticas, de síntese, de diálogo, de área com área, de conhecimento com conhecimento. Ao entender e relacionar esse conhecimento, ao conseguir falar e escrever a respeito dele, a possibilidade de absorvê-lo permanece para toda a vida. (CHALITA, pag. 194, 2001)

A aprendizagem depende: da articulação de fatores internos e externos ao sujeito (os internos referem-se ao funcionamento do corpo como um instrumento responsável pelos automatismos, coordenações e articulações); do organismo: a infraestrutura que leva o indivíduo a registrar, gravar, reconhecer tudo que o cerca através dos sistemas sensoriais, permitindo regular o funcionamento total; do desejo; entendido como o que se refere às estruturas inconscientes representa o motor da aprendizagem e deve ser trabalhada a partir da relação que com ela estabelece; das estruturas cognitivas, representando aquilo que está na base da inteligência, considerando-se os níveis de pensamento propostos por Piaget, da dinâmica do comportamento, que diz respeito à realidade que o cerca. Os fatores externos são

aqueles que dependem das condições do meio que circunda o indivíduo.

2.5 O aspecto emocional como base do sucesso escolar.

“O toque e o diálogo são mágicos, criam uma esfera de solidariedade, enriquecem a emoção e resgatam o sentido da vida.” (CURY, 2003)

A criança amada lida melhor com as dificuldades da vida, na escola ou fora dela. Pois amar o filho é isso: apoiá-lo carinhosamente, não deixá-lo sentir-se abandonado. E isso todos os pais podem fazer, independentemente do nível econômico.

Estudantes incentivados e apoiados pelos pais obtêm melhores resultados escolares do que aqueles que não contam com esse suporte. E pais desse tipo são encontrados em todos os níveis sociais.

A riqueza econômica de uma família não é garantia de que a criança terá o incentivo dos pais. Aliás, muitas vezes acontece exatamente o contrário: parece que quanto mais ricos os pais, menos tempo eles têm para os filhos. E isso se reflete no desempenho escolar e no modo como a criança encara o estudo.

As crianças são particularmente sensíveis aos encorajamentos ou às reprovações do meio familiar face aos seus resultados escolares. Uma punição efetuada pelo pai, e dada em frente de outras pessoas, equivale a uma multiplicação da mesma, se ela fosse dada por outrem. Há, pois, que utilizar mais o reforço positivo, tentando fazer salientar o que a criança tem feito de bem, do que recriminá-la constantemente pelos seus fracassos. A consideração continua destes contribuirá para que no aluno se instale um sentimento de incapacidade e de não valer a pena, gerador de uma desmotivação que dificilmente poderá ser ultrapassada pelos processos pedagógicos mais atraentes.

Não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a emoção seja trabalhada. Trabalhar emoção requer paciência. É diferente de uma simples memorização, em que o aluno é obrigado a estudar determinado assunto para a prova, decorar conceitos, e o problema esta resolvido.

O grande pilar da educação é a habilidade emocional. E só há

educação onde há afeto, onde experiências são trocadas, enriquecidas, vividas. O professor que apenas transmite informação não consegue perceber a dimensão do afeto na aprendizagem do aluno. O aluno precisa de afeto, de atenção. (CHALITA, pág. 245, 2001)

Não há como fazer um bom trabalho se esquecermos a qualidade emocional do nosso aluno. Os professores abalados emocionalmente também não conseguem trabalhar bem. Mas como adultos, têm uma maior orientação. Já as crianças, apresentando diversos tipos de problemas emocionais, que muitas vezes são vítimas, não sabem como administrar esse tipo de sentimento, gerando frustrações e muitas vezes agressões em sala de aula.

Acredito que não há um trabalho significativo para o aluno quando os problemas emocionais são o principal foco.

3 BONS PAIS E BONS FILHOS

Apesar de todas as contrariedades da sociedade em que vivemos, apesar do consumismo, da televisão, da falta de diálogo, do stress, entre outros muitos fatores, há muitos pais que têm sucesso na sua missão de educadores, ultrapassando todas as contrariedades da vida, conseguindo que os seus filhos se tornem verdadeiros Homens/Mulheres de palavra, caráter, e cheios de virtudes na sua maneira de agir.

Ao que parece estes pais não têm um perfil específico ou uma personalidade "típica" que lhes permite o sucesso na educação, muito pelo contrário, existem diferentes formas de ser "bons pais", consoante a personalidade de cada um. Alguns podem ser mais compreensivos e calmos, outros mais seguros de si, uns podem ser líderes natos, outros mais reflexivos...

Há bons pais que cresceram em lares equilibrados e felizes e bons pais que nasceram no seio de famílias disfuncionais e tristes (mas estão determinados a não seguir o exemplo que tiveram. Mas o que mais se percebe é que o modo de vida dos pais, tudo o que fazem o que fazem e suas atitudes, interferem na construção do caráter da criança, e serve para ele como modelo para ser usado no convívio social.

3.1 O exemplo como referência.

“O objetivo da criança é ser como as pessoas que tanto admira. Os pais funcionam como modelos a ser “incorporados”. (TIBA, 2006)

A criança admira seus pais e deseja espontaneamente ser igual a eles. Quanto menor sua idade, menos opções terá para escolher seus mestres. A admiração é um estímulo importante para que passe a imitar cada vez mais os gestos dos pais (e até aperfeiçoá-los no futuro) por meio de tentativas, acertos e erros. E assim os filhos aprendem os padrões de comportamento familiar e social, o respeito por outros familiares, pelos funcionários da escola, pelos empregados da casa, as noções de limite, dever, obrigação...

Quanto maior a admiração pelos pais, mais os filhos os transformam em mestres. Quando ensinam pela primeira vez, ou corrigem o que já foi ensinado, os pais exercem a função de professores, de educadores. Em geral, o clir

correção é repleto de afeto, pois os pais sabem que a criança erra porque não sabe ou porque não consegue.

No mundo escolar, encontra-se todo o tipo de pais. O pai atento e preocupado, que vai à escola com regularidade, que participa nas reuniões de pais, nas atividades da escola; o pai que só vai à escola quando é convidado a ir, que não aparece nas reuniões porque não tem tempo, não participa nas atividades porque considera ser uma perda de tempo; o pai perfeitamente despreocupado do filho, que não sabe nem quer saber se está tudo bem na escola.

A escola faz parte do cotidiano do aluno e os pais devem estar envolvidos em todo o processo de aprendizagem.

Numa sociedade em transformação como a nossa, diminui cada vez mais a força da educação espontânea e cresce a da educação intencional. Os pais, obrigados pela conjuntura, acabam por deixar para a escola a adaptação social do filho. (CHALITA, pág. 62, 2001)

A participação dos pais na vida escolar dos seus filhos pode influenciar, de modo efetivo, o desenvolvimento escolar dos filhos. Os exemplos são seguidos, pois estão sendo absorvidos. As crianças repetem o que os seus modelos educacionais fazem, sem avaliá-los se são bons ou ruins, simplesmente repetem. Uma criança fala por meio de suas atividades, e atitudes mais do que por meio de suas palavras. E os valores agregados aos exemplos observados pela criança em seus pais, ao se referirem à escola ou por seu envolvimento com a mesma, refletem da mesma forma no seu comportamento desinteressado enquanto aluno.

3.2 O fracasso escolar: quando a família prejudica

Me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a “tirania da liberdade” em que as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face da autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade. (FREIRE, 2000, p.29).

A origem do problema de aprendizagem não se encontra estrutura individual. O sintoma se ancora em uma rede particular de vínculos familiares, que se entrecruzam com uma também particular estrutura individual. A criança suporta a dificuldade, porém, necessária e dialeticamente, os outros dão o sentido. (FERNÁNDEZ, 1990, p. 30-31)

Torna-se cada vez maior a preocupação dos pais em acertar na educação dos filhos. Muitas vezes aqueles se perguntam onde foi que erraram para que o filho tivesse a dificuldade que hoje tem.

Sabemos que o ambiente familiar não é o único aspecto a influenciar na aprendizagem; é necessário entender que por trás da dificuldade da aprendizagem podem existir várias causas.

As causas dos problemas de aprendizagem podem ser de ordem física, sensorial, neurológica, emocional, intelectual ou cognitiva, educacional e socioeconômica.

A família contribui em grande parte para a determinação desses problemas. Tanto o êxito quanto o fracasso escolar começam em casa, pois é na família que o aluno encontra suas motivações, é lá que se constrói o desejo de aprender e a autoconfiança.

Celso Antunes (2003) afirma que o ambiente familiar ajuda a criança a tornar-se mais esperta e que a carência de estímulos cerebrais faz com que elas não se desenvolvam tanto quanto as que são estimuladas.

Os pais, principalmente, podem de diversas maneiras, favorecer ou prejudicar o processo de aprendizagem de seus filhos. Ao ingressarem na escola, as crianças, muitas vezes, demonstram dificuldades de adaptação que pode ser consequência de conflitos e crises de um sistema familiar ineficiente.

Os aspectos psicológicos da família influenciam na educação escolar dos filhos, ou seja, os filhos vivem reflexos negativos e positivos do contexto familiar, internaliza-os conforme o modelo recebido, e esses modelos parecem possuir um peso considerável no contexto escolar.

Destaco um exemplo, registrado durante as reflexões no período de estagio:

“Nesta semana, na quarta-feira, trabalhamos sobre a história bíblica de Caim e Abel, destacando as atitudes humanas. Chamou-me a atenção o fato de que a turma, na sua maioria, apresenta famílias desestruturadas, ou seja, não sendo mais presente todos os membros e como a história fala de morte entre irmãos, tem um caso na turma de uma menina que sua mãe foi assassinada pelo pai a facadas na frente dela e dos seus irmãos. Todos os alunos relataram que existe algum problema na sua família. Alguns são mais sérios que outros, mas as crianças têm uma grande necessidade de falar e todas dizem que esses fatos não são bons e as deixam tristes. Fiz alguns questionamentos sobre o porquê que as famílias estão ficando

assim? O que pode ser feito para que elas mudem? Que sentimentos preciso aprender a controlar? Que sentimentos bons eu tenho?"¹

Celidonio (1998) afirma que muitas crianças que poderiam ter um relacionamento sadio não são valorizadas e muitas vezes até são desprezadas porque diferem daquilo que delas esperavam seus pais. Daí surgirem grandes conflitos e por parte dos pais, sentimentos de decepção e fracasso diante da inutilidade de "tanto esforço".

Entre os alunos que demoram mais para aprender, na realidade observada, encontram-se famílias onde não existe diálogo, que transferem a atenção para a televisão, por exemplo, não procuram saber o que seus filhos fazem na escola, não acompanham as atividades, não revisam cadernos, não participam das atividades da escola, ou seja, não demonstram nenhum interesse pela vida escolar do filho.

Muitos dos problemas que os alunos enfrentam na escola têm origem no ambiente familiar, que os pais se demitem, frequentemente, do seu papel de educadores. O seu desinteresse leva-os a encarar a escola como um depósito. Entregam os filhos na escola, mas não a valorizam, não são capazes de apoiá-los nos seus trabalhos escolares nem impor um mínimo de regras necessárias à vida escolar. Não compram livros nem jogos educativos, estão ausentes, deixam os filhos entregues a si próprios ou a ver televisão.

As causas deste não envolvimento são: a falta de tempo, o não saber ajudar, pois não compreendem o que deve ser feito, não tem paciência com o filho, colocam seu trabalho em primeiro lugar ou acreditam que o que a escola faz esta de acordo com o esperado.

Mais uma vez destaco a importância da família, a sua responsabilidade na construção dos valores, dos deveres, dos bens comuns, dos pequenos ensinamentos do dia a dia, como por exemplo, sentar à mesa com todos reunidos. A falta de investimento neste tempo tão precioso por uma vida mais prática e rápida torna todo o resto sem sentido, também rápido e em significado. Por isso hoje nos deparamos com famílias desestruturadas, sem moral, sem princípios, sem valores, sem a base dos mandamentos construídos pela família.

Além do desinteresse, os pais podem prejudicar a vida escolar dos filhos utilizando o próprio estudo como castigo por desobediência, menosprezando a

1 Parte de relato de observação semanal de estágio, do mês de maio de 2010

escola, fazendo as tarefas para ele ao invés de orientá-lo, quando deixa a criança sem orientação e disciplina ao horário e local de estudo.

Um dos problemas que está na base do insucesso escolar de muitas crianças é a descontinuidade entre a escola e a família. Quando não há comunicação entre estas duas partes fundamentais do mundo do aluno, quando a escola e a família estão de costas voltadas, quando a escola não valoriza nem respeita a cultura da família e da comunidade dos alunos, está aberto o caminho para o fracasso e o abandono escolares.

A família influencia a forma como qualquer criança reage ao ambiente escolar; os pais condicionam a compreensão que a criança tem da escola; aquela depende do tipo de pais, sua educação, da conduta da família, do desejo que tiveram ou não de ter filhos e do afeto que lhe souberam dar.

É ponto assente que uma estruturação familiar saudável é necessária para um desenvolvimento equilibrado da criança. Os pais, enquanto modelos devem apresentar-se perante os filhos com uma conduta dignificante, o que algumas vezes não acontece. Um ambiente familiar tenso não permite à criança construir uma relação estável e madura.

3.3 Como a família pode contribuir para a aprendizagem

“O mundo pode não apostar em nossos filhos, mas jamais devemos perder a esperança de que eles se tornem grandes seres humanos.” (CURY, 2003)

Desde muito cedo as crianças devem ser estimuladas (desde bebês). É muito importante que os pais leiam para a criança, contem-lhe coisas, façam-lhe comentários sobre o mundo que a cerca, tenham boa disposição para responder e formular perguntas utilizem palavras e enunciados que a criança conhece ou está prestes a conhecer, cerquem-na de atividades rotineiras e de vez em quando lhe ofereçam alguma novidade; os pais devem sempre oferecer-lhe materiais para serem manipulados, como livros de história, jogos educativos, objetos da casa, sendo muito importante a participação deles nos jogos.

No começo, os pais devem monitorar os filhos para que estes criem o

costume e assim tenham condições de tomar a responsabilidade como sendo deles. O ponto fundamental em relação à disciplina do estudo é garantir ao filho tempo e espaço, as condições favoráveis para fazer a digestão da informação recebida sem sala de aula.

Numa relação existente entre pais e filhos, onde pais firmes no sentido que estabelecem regras, que argumentam e mantêm de forma consistente, embora com flexibilidade, que costumam impor exigências à criança que, embora adequadas a seu nível de competência, requerem dela certo esforço, ajuda a criança a desenvolver controles internos.

Sabendo-se que ao educar, a demonstração de afeto e de confiança, as crianças tendem a ter sua autoestima positiva, e o meio estável que a cerca as fazem crianças seguras que desenvolvem sua maturidade. Pais que interagem com a escola, desempenham um papel de suma importância que são significativos no desenvolvimento de seus filhos, ao ouvir e consultar as crianças demonstra-se valorização de seus sentimentos e opiniões, já que os pais estão sempre prontos a dar-lhes o apoio e lhes mostrar o que é certo e errado em suas atitudes.

Uma boa comunicação entre pais e filhos exige em primeiro lugar, traduzir o amor, respeito, confiança, atenção e atender as suas necessidades básicas. Com essa participação dos pais no processo de ensino-aprendizagem, ela ganha mais confiança, vendo que todos se interessam por ela, e também porque você passa a conhecer quais são as dificuldades e quais os conhecimentos que ela tem.

Comunicar-se com os filhos é dar apoio, conhecer as suas dificuldades, verificar pelo que eles estão passando, estimulando suas potencialidades, dando liberdades e incentivo, e respeitando os sentimentos da criança.

A família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. Por melhor que seja uma escola, por mais bem preparada que estejam seus professores, nunca vai suprir a carência deixada por ma família ausente. (CHALITA, Pág. 17, 2001)

A família deve, portanto, se esforçar em estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos. Presença que implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Deve estar atenta a dificuldades não só cognitivas,

mas também comportamentais. Deve estar pronta para intervir da melhor maneira possível, visando sempre o bem de seus filhos, mesmo que isso signifique dizer sucessivos “nãos” às suas exigências.

Em outros termos, a família deve ser o espaço indispensável para garantir a sobrevivência e a proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como se vêm estruturando (KALOUSTIAN, 1988).

4 O QUE OS PAIS PENSAM SOBRE A APRENDIZAGEM

Apesar de escolas e famílias continuarem a ser agências socializadoras distintas, apresentam aspectos comuns e divergentes. Compartilham a tarefa de preparar os alunos para a vida sócio-econômica e cultural, mas divergem nos objetivos que têm nas tarefas de ensinar.

Enquanto a escola tem por obrigação de ensinar bem os conteúdos de áreas de saber considerados como fundamentais para a instrução de novas gerações às famílias cabe dar acolhimento a seus filhos num ambiente estável, provedor, amoroso (SZYMANSKI, 1997).

Se, por necessidade de sobrevivência, muitas famílias vêm deixando de perceber o papel da escola como agência transmissora de conhecimentos sistematizados e têm imputando a ela a tarefa mais ampla de educar para a vida, a escola tem tido dificuldade em aceitar essas novas atribuições oriundas das mudanças sociais e familiares e de incorporar as novas demandas no desenvolvimento de seu trabalho, embora esse processo não seja tão recente.

Qualquer que seja a expectativa que os pais tenham quanto ao papel da escola eles têm manifestado sua opinião sobre a importância da escolarização dos filhos, inclusive mantendo-os na escola por um período de tempo mais longo do que o necessário para a conclusão dos diferentes níveis de ensino.

Por parte dos pais, relações mais estreitas com a escola podem ajudá-los a compreender melhor o trabalho por ela realizado, a se envolverem – na medida de suas possibilidades – no processo educacional dos filhos, trabalhando de forma consoante com as necessidades educativas da vida e da participação no mundo atual.

4.1 A visão dos pais na relação família/escola

Hoje, sabemos que é necessário o aluno ser alfabetizado e também letrado. Vivemos numa sociedade letrada, ou seja, impregnada de materiais escritos.

Não basta ao cidadão saber escrever seu nome, ler e compreender textos

simples. É preciso que ele seja capaz de executar as práticas sociais de leitura e de escrita, como saber localizar e obter informações, produzir informações escritas associadas às práticas de linguagem oral. Trata-se do letramento, capacidade que o indivíduo tem de utilizar práticas sociais de linguagem para promoção da interação entre pessoas e resolução de problemas de vida, assumindo um comportamento real de leitor e de produtor de textos orais e escritos em diferentes situações.

Neste contexto, percebo que a maior preocupação dos pais em relação à aprendizagem dos filhos é a apropriação dos conteúdos escolares de forma mais autônoma e sua aprovação para garantir uma vida profissional futura.

“Penso que muitas vezes meu filho poderia render muito mais se fosse mais estimulado pela escola, pois em casa fazemos isso e sinto que ele tem uma grande “sede” de saber. Mas observando outras escolas, vejo que a do meu filho está dentro da média e que dificilmente conseguiria mais em uma escola pública.”²

Alguns pais apresentam uma preocupação em relação aos conteúdos desenvolvidos pelos professores, ou pela sua qualificação, ou seja, na sua atualização com a nova realidade escolar mais informatizada.

“Sinto muito por suas professoras terem parado no tempo e não terem buscado aperfeiçoamento, pois nenhuma das duas tem faculdade. “[...]”³

Sigolo e Lollato (2001) afirmam que os pais enxergam a escola de forma idealizada, ficando contentes quando são elogiados, ou introjetando as críticas que ouvem.

Para alguns pais, a única coisa «séria» é a escolaridade. Tudo o mais são «coisas de crianças», ninharias, insignificâncias. Através da socialização com os colegas e, em geral, com os membros da comunidade que está fora do espaço familiar, adquire formas de vida mais autônomas, transfere parte dos seus afetos e dos seus ódios, obtêm satisfações de modo menos dependente, dispõe de outros ambientes para exprimir e orientar parte das suas tensões. E, assim, o meio familiar vê-se aliviado dessas tensões.

Quando as crianças começam a frequentar a escola, muitos pais pensam e agem como se elas tivessem duas vidas distintas; por um lado, a vida familiar, pela

2 Relato de entrevistado A, mãe de aluno da escola

3 Relato de entrevistado A

qual os pais se sentem responsáveis, dirigindo-se à sua maneira; por outro lado, a vida escolar é dirigida pelos professores sem interferência familiar.

“Penso que ele está aprendendo esta ótimo, adoro quando ele chega em casa com novidades sobre a matéria nova, sobre o mundo que está conhecendo.”[...] ⁴

De acordo com o observado, a maioria dos pais é consciente de seu dever com a escola e com o filho, acreditando que é da família o ato de educar e participar da escola em todo o seu contexto, mas também admitem que exista uma falta de tempo que provoca algumas limitações gerando uma frustração como pais, na sua tarefa de ajudar os filhos com os deveres da escola.

[...] por falta de tempo, procuro auxiliar no que posso, mantendo contato com as professoras e nas tarefas escolares. [...] ⁵

Foi possível observar que tanto pais de alunos com sucesso, quanto os daqueles com insucesso escolar relataram tentativas de ajudar os filhos nas tarefas, mesmo mostrando muitas dificuldades em executar essa função. Pode-se dizer que os pais valorizam o acompanhamento escolar dos filhos, mas sentem dificuldades em fazê-lo.

Para os pais, o envolvimento refere-se a uma forma de participar intensamente de atividades relacionadas ao ensino e à aprendizagem escolar, tanto em casa quanto na escola; diz respeito a diversos procedimentos adotados pelos pais para auxiliar na aprendizagem dos filhos (deveres de casa, leitura de livros, jogos que estimulam o desenvolvimento cognitivo) e à participação ativa na escola (na sala de aula, biblioteca, excursões).

Na visão das famílias as interações estabelecidas com a escola ocorrem nos horários de saída, nas reuniões de pais convocadas pela escola ou em datas comemorativas, o que ilustra um relacionamento superficial e limitado a situações “formais”, como as reuniões bimestrais e as comemorações, ambas organizadas pela escola (REALI & TANCREDI, 2002).

Por outro lado, um grande número de pais participa efetivamente da escola,

[..] se não participamos da vida escolar de nossos filhos não sabemos o que lhes acontece, o rumo que estão tomando em suas vidas e desta forma damos

4 Relato de entrevistado B, pai de aluno

5 Relato de entrevistado C, mãe de aluno

chance a outros de se aproximarem de nossos filhos e envolvê-los. [...] ⁶

É possível admitir que a presença constante ou mais frequente dos pais na escola evita certos problemas de aprendizagem, pois os pais que mais mostram interesse pelas tarefas dos filhos, geralmente, estes filhos não apresentam dificuldades.

O contato dos pais com a escola remete uma maior responsabilidade e comprometimento, mas também proporciona aos pais uma maior cobrança no dever da escola para com seu filho, com as atividades oferecidas e com a funcionalidade de um modo geral. Acreditam que a tarefa da escola é ensinar o que em casa não é possível.

“A função da escola é transmitir conhecimento aos alunos e ter um relacionamento aberto e franco com pais e alunos, não deixando a disciplina de lado” [...] ⁷

[..] os pais devem fiscalizar se a escola esta tendo o rendimento e acompanhamento necessário com as crianças [...] ⁸

Por outro lado, a presença e participação dos pais na escola não podem e não deve significar uma desresponsabilização dos professores para com a aprendizagem dos alunos. Os pais podem e devem envolver-se com o processo escolar de seus filhos e exigir que a escola cumpra o papel que lhe cabe na educação das crianças sem descaracterizar a especificidade dos papéis que cada instância deve exercer.

“Acho que dentro dos padrões das escolas públicas sim, o ensino esta bom. É claro que poderia ter laboratórios, aulas extras em turno oposto e outras coisas a mais, mas como isto gera custo, fica mesmo a cargo das escolas particulares. [...] ⁹

[...] Não, pois a escola tem somente a obrigação de passar conhecimento aos alunos e cabe aos pais educar e dar apoio a seus filhos. Na escola eles vão para adquirir desenvolvimento intelectual o restante é problema da família [...] ¹⁰

Quanto à função de cada um (pais e professores) embora apresentem

6 Relato de entrevistado D, mãe de aluno e professora

7 Relato de entrevistado D, mãe de aluno e professora

8 Relato de entrevistado E, mãe de aluno e atendente de creche

9 Relato de entrevistado A, mãe de aluno e professora da escola

10 Relato de entrevistado F, pai de aluno

preocupações comuns, como o bom desempenho escolar das crianças, pais e professores acreditam ter tarefas diferentes e mostram-se relutantes em fazer aquilo que consideram ser tarefa do outro. Para os pais, os professores deveriam manter a educação escolar como sua responsabilidade, enquanto aos pais caberia assegurar que as crianças estivessem prontas para a educação escolar (BHERING, 2003).

Para além de um clima de confiança entre pais e escola é necessário garantir participação. Os pais percebem a escola como lhe prestando um favor e, dessa forma, não se sentem aptos e com direitos de reivindicar melhorias que julguem necessário.

Os pais buscam na escola um lugar seguro, acreditando que este irá satisfazer todas as necessidades que o filho precisa para seguir no caminho da aprendizagem, preparando-o para a vida profissional. Procuram a melhor escola, (que julgam ser a melhor) e investem nela, confiando neste objetivo, o de “*prepará-lo para vida*”

Para os pais, a escola ainda é a maior fonte de conhecimento e o único lugar onde seus filhos poderão adquiri-lo. Por isso, precisam acompanhar a vida escolar dos filhos para garantir que terão bons resultados, vendo naqueles pais pouco participativos e desinteressados, um mesmo segmento para seus filhos.

[... [pois se os pais não se importam porque os filhos o fariam? A criança tem a necessidade de mostrar aos pais seus progressos e precisa que estes demonstrem interesse pelo que eles estão fazendo. A criança precisa ser estimulada o tempo todo [...]]¹¹

Envolver a família na educação escolar dos filhos pode significar, para a escola, que ela tenha que conhecer melhor os pais dos alunos e realizar um trabalho conjunto com eles para criar, entre outras coisas, uma atmosfera que fortaleça o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças nesses dois ambientes socializadores.

Para que os pais possam sentir-se membros participativos da escola, é necessário primeiramente que a conheçam, bem como o seu funcionamento, as suas funções e o seu trabalho. Para tanto é essencial que se tenha uma

11 Relato de entrevistado G, mãe e professora de educação infantil

comunicação efetiva.

Estando verdadeiramente “por dentro” daquilo que acontece na escola, fica muito mais fácil para os pais cobrar da escola as medidas necessárias para melhorar a condição de seus filhos nos estudos. Cabe lembrar, porém, que ao definir uma escola para seus filhos, os pais estão confiando no projeto educacional e retrospecto (histórico) desse estabelecimento. Supõe-se que já tenham se preocupado em visitar as dependências e procurado se informar a respeito da proposta pedagógica, dos professores, dos laboratórios, da biblioteca.

5 PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA: UMA UNIÃO QUE DÁ CERTO

Na nossa realidade brasileira a escola tem procurado estabelecer relações com as famílias de seus alunos visando principalmente o investimento familiar e pessoal de cada aluno na sua aprendizagem escolar, e na adoção de padrões de comportamento por ela valorizada.

Quando escola e famílias têm uma linguagem comum e posicionamentos adotados colaborativamente no trato de alguns aspectos da educação das crianças e da sua escolarização, é possível que as crianças consigam ter uma aprendizagem mais significativa, um percurso acadêmico mais tranquilo e um desenvolvimento intelectual e emocional mais harmonioso, o que não pode ser desprezado.

5.1 Participação efetiva dos pais

“Os pais têm o dever de acompanhar seus filhos na escola, estarem atentos ao que acontece e ir direto a escola caso aconteça algo que não seja de seu agrado. Acho que entre a escola e os pais deve haver um diálogo e até mesmo uma cumplicidade, pois os dois devem agir da mesma forma para não confundir a cabeça dos alunos [...]”¹²

Do ponto de vista da escola, envolvimento ou participação dos pais na educação dos filhos e filhas significa comparecimento às reuniões de pais e mestres, atenção à comunicação escola–casa e, sobretudo, acompanhamento dos deveres de casa e das notas. Esse envolvimento pode ser espontâneo ou incentivado por políticas da escola ou do sistema de ensino (CARVALHO, 2000).

A política de participação dos pais na escola gera concordância imediata e até mesmo entusiasmada: parece correta porque se baseia na obrigação natural dos pais, aliás, mães; parece boa porque sua meta é beneficiar as crianças; e parece desejável porque pretende aumentar tanto a participação democrática quanto o aproveitamento escolar.

Além da escola, é a família que tem um papel preponderante na educação de

12 Relato de entrevistado G, mãe e professora de educação infantil

seus filhos cabendo a ela dar continuidade ao processo educacional iniciado no ambiente familiar. Assim, o processo educacional que aí se dá ora deve se compreendido como complementar ao que cada um traz de história individual e coletiva. A educação não começa na escola, mas nascem antes, no seio familiar.

Entendo que os pais podem e devem envolver-se com o processo escolar de seus filhos e exigir que a escola cumpra o papel que lhe cabe na educação, mas sem descaracterizar a especificidade dos papéis que cada instância deve exercer.

A família que propicia curiosidade em seus filhos, desde pequeno, valorizando suas atitudes e criando situações para que eles estabeleçam relações e desenvolvam o pensamento científico, em sua rotina, é uma família que sempre valoriza e respeita as atividades relacionadas á vida escolar de seus filhos.

Os alunos esperam dos pais, mais confiança, dedicação e tempo para eles, tempo de ir até a escola, nas reuniões perguntar como está sendo a realização do trabalho na escola com seus filhos, e mais ainda apoio e orientação para enfrentar as mudanças da sociedade, e evitando a violência, os vícios e os crimes.

Quando os pais são participativos nas atividades realizadas pela escola o aluno se desenvolve com maior facilidade, quando surge uma dificuldade pais e professores dialogam buscando resolver juntos o problema, deixando de lado as acusações feitas “quando as notas altas deixam a desejar, e começa o jogo de empurra, professores acusam os pais e os pais acusam os professores”, e assim surgem as transferências de responsabilidade, fazendo cada um a sua parte.

A escola pode organizar festas, palestras, mas desenvolver o projeto onde os pais possam contribuir e participar, chamar os pais na escola para elogiar o desempenho de seus filhos na aprendizagem, pode ser uma meta para trazê-los à vida escolar de seus alunos.

5.2 O dever da escola

Nos dias atuais percebemos que a escola reclama da ausência da família para acompanhar a criança no seu desenvolvimento escolar da falta de limites dos pais aos filhos, da dificuldade de transmitir uma boa educação. E não há presente

maior para os pais do que assistir ao desdobramento da personalidade dos filhos ver sua beleza brilhar no mundo e saber que sua contribuição é essencial

A escola é uma instituição potencialmente socializadora. Ela abre um espaço para que os aprendizes construam novos conhecimentos, dividam seus universos pessoais e ampliem seus ângulos de visão assim como aprendam a respeitar outras verdades, outras culturas e outros tipos de autoridade. Nessa instituição, o mundo do conhecimento, da informação, ou seja, o mundo objetivo mistura-se ao dos sentimentos. Das emoções e da intuição, ao dito mundo do subjetivo. São emoção e razão que se fundem em busca de sabedoria. (PAROLIM, 2005)

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem as suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e sua filosofia para educar uma criança, no entanto, ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.

A escola, no entanto, poderá contribuir, e muito, no sentido de promover mudanças nos alunos considerados antes desacreditados pelos pais; e estes mesmos, através da interação filho/escola, de alguma forma, conseguem também modificar seu comportamento, percebendo e respeitando as características reais de seu filho, a partir do momento em que este é valorizado pela equipe da escola que o assiste diariamente.

Um dos maiores papéis que deve ser desempenhado pelo professor é fazer com que aconteça a aprendizagem de forma satisfatória, que atenda as exigências da sociedade. Mas segundo Freire (1987, p. 52) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Assim o professor deixa de ser um transmissor de uma educação bancária, e tornar-se a chave sob esta perspectiva, pois ele é encarregado da construção do conhecimento e dos valores necessários para que o indivíduo se torne membro de uma sociedade que requer, cada vez mais, profissionais que tenham uma boa formação escolar, eticamente, intelectualmente, crítico etc., e que sejam bem qualificados e capacitados em seus cursos de formação. Mas se o processo de aprendizagem e de desenvolvimento do indivíduo dependesse só dos professores, seriam poucos os problemas de alunos sem a competência necessária para estar em determinada série ou curso.

Portanto a baixa qualidade de ensino envolve todos os fatores globais que cercam o indivíduo. Assim dar-se a impressão de que o mais importante na vida é a base materialista esquecendo-se dos valores sociais, culturais e principalmente os familiares.

Comprovadamente a família pode ser uma instituição que influencia diretamente no desenvolvimento e no desempenho escolar do indivíduo, pois se a família é desestruturada a criança se desestruturará, com isso apresentará fracasso escolar e conseqüentemente se excluirá da sociedade.

E nós, como profissionais da educação, precisamos oferecer estímulos para gerar efeito imediato na percepção de que futuro está sendo construído, que repercutam também na aprendizagem, no desenvolvimento sensório-motor, cognitivo, social e crítico humano.

Muitos professores hoje em dia estão dando importância a esse aspecto emocional na avaliação escolar. Avaliar um aluno não é só transformar seu aprendizado em números ou conceitos. É também, e, sobretudo, considerá-lo como pessoa, como ser humano em formação, que precisa de incentivo, de afeto. Se quisermos que nossos alunos valorizem o estudo, devemos então valorizá-los como pessoas. E se nesse aspecto a escola encontrar o apoio da família, o resultado será positivo, sem dúvida.

Os alunos estão carentes, pois seus pais trabalham o dia todo, e o tempo que ainda resta com os pais antes de ir para a cama, é precioso. E é esta falta de tempo dos pais para os pequenos ensinamentos com os filhos, que remete a escola cumprir com mais esta tarefa.

Numa sociedade em transformação como a nossa, diminui cada vez mais a força da educação espontânea e cresce a da educação intencional. Os pais, obrigados pela conjuntura, acabam por deixar para a escola a adaptação social do filho. Até noções básicas de higiene e sexualidade ficam, por exemplo, relegadas à escola. ((CHALITA, pág 62, 2001))

Entendo que o professor tem uma grande responsabilidade, mas o seu papel não é instruir, mas orientar: é possível influir o aluno de tal modo que este não se deixe influir, não cabe ao educador tirar dúvidas e sim trazer. Enfim, trata-se de um

amor exigente: ao mesmo tempo em que cabe apoiar o educando do modo mais envolvente possível, deve exigir dele o melhor desempenho viável. Desta forma, os professores devem estar cientes de que a função da escola e da verdadeira responsabilidade profissional é o de conseguir que os alunos atinjam o maior grau de competência possível em todas as suas capacidades. Para tanto, mostra-se válido envidar esforços objetivando que estes superem suas deficiências, as quais muitas vezes carregam por motivos sociais, culturais e pessoais.

Quando uma criança exprime suas dificuldades para compreender, interpretar ou manejar algum conhecimento novo, já não é apenas o professor que deve ser ativo e encontrar a forma de motivar os alunos em relação ao problema, mas sim todos os integrantes do grupo devem colaborar para que isso ocorra.

Somente ao relacionar-se com o saber, inteirar-se com o conhecimento é que pode se compreender o significado da aprendizagem. A sala de aula deve ser um espaço de confiança, de liberdade (sem libertinagem, mas com limites), de conteúdos interdisciplinares, de inclusão dos diferentes, de aceitação do novo e de afetividade. É nesse espaço de interação que a aprendizagem irá ocorrer.

O sucesso escolar está na realização de um trabalho com prazer.

Segundo Freire (1996), “há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podem aprender ensinar, inquietar-nos, produzir. A esperança faz parte da natureza humana [...]”.

5.3 Unindo objetivos e respeitando resultados

Entende-se que a família e a escola precisam buscar estar na mesma sintonia, como se na verdade formassem uma orquestra onde todos os instrumentos precisam estar em harmonia para apresentarem um belo concerto. Portanto é necessário estar claro que para que aconteça aprendizagem a escola precisa da família, como a família da escola; desta maneira é possível obter com maior êxito o sucesso no processo de ensino aprendizagem. Os pais precisam conhecer toda a

estrutura física, burocrática e humana da unidade escolar, pois é onde seu filho irá passar grande parte da sua vida.

É preciso analisar mais profundamente os processos avaliativos envolvidos nas relações que a família vem tendo no âmbito escolar para que se compreenda o processo da aprendizagem e da autoimagem do aluno, uma vez que os fenômenos da avaliação informal, ligados ao aspecto valorativo, costumam interferir diretamente em sua autoestima e na maneira como ele se coloca frente aos acontecimentos. A organização do trabalho pedagógico, categoria mais ampla que encerra este estudo, indica a possibilidade de uma parceria entre família e escola na construção de seu projeto político pedagógico, apontando na ação conjunta de seus membros a possibilidade da existência de uma educação participativa preocupada com a formação humana dos sujeitos envolvidos neste processo.

O acompanhamento familiar pode evitar uma possível reprovação e possibilitar o verdadeiro aprendizado do educando.

Tiba (2002, p.181), afirma que “se os pais acompanharem o rendimento escolar do filho desde o começo do ano poderão identificar precocemente essas tendências e, com o apoio dos professores, reativar seu interesse por determinada disciplina em que vai mal”.

Trata-se, nesta perspectiva, de aprimorar o olhar para de fato enxergar a criança. Desta forma “aprendendo seus jeitos de aprender”, estabelecendo em encontro verdadeiro com o outro que não é igual a mim, em lugar de tentar enquadrá-lo a partir das inúmeras informações das quais não são conhecidas.

Ressalta-se a importância sobre a construção de uma relação de amizade e companheirismo – onde se conheça problemas, anseios e especificidades – entre família e escola, visto que as duas devem trabalhar para o mesmo objetivo, sendo, portanto, parceiras, e não rivais.

Entretanto, mesmo conhecendo os problemas e peculiaridades das famílias – e por consequência dos educandos – se não houver um interesse mútuo em solucioná-los, o esforço de detectar tais problemas tornam-se nulos, impedindo que a escola e o professor possam intervir para o sucesso do educando. O interesse e

participação familiar são fundamentais.

Na participação, um sujeito sempre espera algo do outro. E para que isto de fato ocorra é preciso a construção coletiva de uma relação de diálogo mútuo, onde cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, mas também de escrita, onde exista uma efetiva troca de saberes. A capacidade de comunicação exige a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir e para tal faz-se necessário o desejo de querer escutar o outro, a atenção às ideias emitidas e a flexibilidade para receber ideias contrárias. Uma atitude de desinteresse e de preconceitos pode danificar profundamente a relação família/escola e trazer sérios prejuízos para o sucesso escolar e pessoal dos educandos.

Tiba (2002, p.183) afirma que “[...] quando a escola o pai e a mãe falam a mesma língua e têm valores semelhantes, a criança aprende sem grandes conflitos e não joga a escola contra os pais e vice-versa [...]”.

Um passo importante para a construção de uma parceria entre a escola e a família é, sem dúvida, a identificação desta como instituição educadora, tendo sempre o que transmitir e o que aprender. “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (FREIRE, 1987).

Para que a parceria dê certo é preciso que haja respeito mútuo, o que favorece a confiança e demonstra competência de ambas as partes. Mas, para que isso aconteça, é preciso haver delimitações no papel de cada uma. Muitas famílias delegam à escola toda a educação dos filhos, desde o ensino das disciplinas específicas até a educação de valores, a formação do caráter, além da carência afetiva que muitas crianças trazem de casa, esperando que o professor supra essa necessidade.

Por outro lado, algumas “famílias sentem-se desautorizadas pelo professor, que toma para si tarefas que são da competência da família” (SZYMANSKI, 2003).

Sendo assim, é importante ressaltar que, a escola tem como função estimular a construção do conhecimento nas áreas do saber, consideradas fundamentais para o processo de formação de seus alunos. Essa é uma missão

específica da escola, portanto, nenhuma família tem a obrigação de ministrar ou transmitir informações específicas ou científicas. Por outro lado, não cabe ao profissional da educação assumir responsabilidades inerentes à família do aluno. Porém, deve despertar tratamentos respeitosos, confiantes e afetuosos, como profissional e membro da sociedade que é, mas não como um membro da família.

Neste relacionamento escola/família, a troca de informações pode possibilitar a descoberta de significados comuns. Com a devida orientação, a família pode encontrar saídas para seus problemas, de forma a possibilitar que suas crianças e adolescentes desfrutem dos seus direitos de liberdade, respeito e dignidade, inclusive garantidos por lei.

Contudo, “não pode deixar de ser dito que sentimentos são ingredientes na construção de nosso modo de ver o mundo”. (SZYMANSKI, 2003).

É, assim, imprescindível debater com a sociedade outro conceito de currículo e escola, com novos parâmetros de qualidade. Uma escola que seja um espaço e um tempo de aprendizados de socialização, de vivências culturais, de investimento na autonomia, de desafios, de prazer e de alegria, enfim, do desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do material procurou pautar-se por três objetivos: qual a influência dos pais na vida escolar dos filhos, qual a postura dos pais na escola e, por último, como os pais se fazem presentes na escola, através dos filhos. Ao longo da observação, percebemos que esse processo acontece na escola na medida em que os filhos introduzem na instituição a concepção de mundo existente no âmbito familiar e reproduzem, em várias situações, a imagem que os pais têm da escola.

A família é indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do seu arranjo ou da forma como vêm se estruturando. É ela que propicia o suporte afetivo e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Desta forma, a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade, mas é também o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, é e será sempre a influência mais poderosa na aprendizagem das crianças e, conseqüentemente, no desenvolvimento da sua personalidade e caráter.

Assim, a base de toda a aprendizagem escolar encontra-se na família. E é justamente neste ponto que reside a importância das escolas estabelecerem um trabalho sintonizado com os pais de seus alunos, compartilhando dúvidas, anseios e também buscando soluções conjuntas para os problemas que se apresentarem. Além disso, esta parceria entre escola e família é extremamente benéfica para as crianças, que passam a desenvolver sentimentos positivos, sentindo-se seguras e amparadas durante todo o desenrolar de sua aprendizagem.

A sociedade urge por uma parceria de sucesso entre famílias e escolas, pois acreditamos que só assim poderemos, realmente, fazer uma educação de qualidade e que possa promover o bem estar de todos.

Só assim poder-se-á alcançar uma sociedade coerente em que seus agentes conheçam e cumpram seus papéis em todos os processos, sobretudo, no processo educacional, sem deixar de lado o familiar e social.

Assim, é preciso compreender, por exemplo, que no momento em que escola e família conseguirem estabelecer um acordo na forma como irão educar suas crianças e adolescentes, muitos dos conflitos hoje observados em sala de aula serão paulatinamente superados. No entanto, para que isso possa ocorrer é necessário que a família realmente participe da vida escolar de seus filhos. Pais e mães devem comparecer à escola não apenas para entrega de avaliações ou quando a situação já estiver fora de controle. O comparecimento e o envolvimento devem ser permanentes e, acima de tudo, construtivos, para que a criança e o jovem possam se sentir amparados, acolhidos e amados. E, do mesmo modo, deve-se lutar para que pais e escola estejam em completa sintonia em suas atitudes, já que seus objetivos são os mesmos. Devem, portanto, compartilhar de um mesmo ideal, pois só assim realmente estarão formando e educando, superando conflitos e dificuldades que tanto vêm angustiado os professores, como também pais e os próprios alunos.

Dessa forma, como afirma Paulo Freire: "Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, deve ser feito. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente."

REFERÊNCIAS:

BHERING, E. **Percepções de pais e professores sobre o envolvimento dos pais na educação infantil e ensino fundamental.** Contrapontos, (2003)

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto.** São Paulo, Editora Gente, 2001

CRAIDY, Carmem – KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil - Pra que te quero?** Ed. Artmed. 2001

CURY, Augusto Jorge. **Filhos Brilhantes, Alunos Fascinantes.** São Paulo. Academia da Inteligência, 2007

_____. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes.** Rio de Janeiro. Sextante, 2003

ERIKSON, E.H. **Infância e sociedade** (2ª ed.). (G. Amado, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. 1976

_____. **Identidade: Juventude e crise** (2ª ed.). (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. 1976

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1990.

_____. **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários a pratica educativa.** São Paulo, Editora Paz e Terra, 1997

_____. **A importância do ato de ler.** São Paulo. Autores Associados: Cortez, 1989

HALEY, J. **Terapia não Convencional**. São Paulo: Summus. 1973

HOBSBAWM, Eric. **Da história social à história da sociedade**. In: *Sobre a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998,

KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1988.

MIERMONT, Jacques. **Dicionário de terapias familiares: teorias e práticas**. Porto Alegre: Artés Médicas, 1994

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

PIAGET, Jean. **A formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: LCT, 1971.

_____. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1971.

_____. **Problemas de psicologia genética**. In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

REALI, A. M. M. R., & TANCREDO, R. M. S. P. **A importância do que se aprende na escola: a parceria escolas-família em perspectiva**. Paidéia, (2005)

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROSSET, Maria Solange. **Dinâmica Familiar na Aprendizagem**. Curso de Pós

Graduação em Psicopedagogia. Novo Hamburgo, Outubro de 2001.

SAVIANI, Dermeval. **O Legado Educacional do Século XX no Brasil**. São Paulo: Autores Associados Ltda., 2004.

SZYMANSKI, H. **A relação escola/família: desafios e perspectivas**. Brasília, DF, Plano Editora, 2003

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa. Novos paradigmas**. São Paulo: Integrare Editora, 2006

ZAGURY, Tania. **Educar sem culpa: a gênese da ética**. 21ª Edição. Rio de Janeiro; Record, 2005

ZORTÉIA, Ana Maria. **Aprendendo a Aprender em uma Sociedade pós-Moderna**. Revista Pensando Famílias, ano 6, nº 6, junho 2004

A Influência da família no rendimento escolar do indivíduo. Acesso em 18 de outubro de 2010 e disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/familiaerendimento.asp>.

A Parceria dos pais no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil. Acesso em 18 de outubro de 2010. Disponível em http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009http://portal.mec.gov.br>

ANEXOS - Pesquisa elaborada com os pais

PESQUISA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE PEDAGOGIA- UFRGS

ALUNA: Veridiana dos Santos

Estou cursando Pedagogia a Distância na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e no momento estou desenvolvendo o trabalho de conclusão sobre **A influência da família na aprendizagem da criança**. Conto com você para responder as perguntas a seguir e prometo guardar sigilo sobre as mesmas.

Obrigada

Questões:

- 1-O que você pensa sobre a aprendizagem do seu filho (a)?
- 2- Você participa da vida escolar do seu filho (a)?
- 3- você acredita que a escola oferece condições para o seu filho (a) ter uma boa aprendizagem?
- 4- De que forma você participa ou acompanha a vida escolar do seu filho (a)?
- 5 - Esta participação é importante? Por quê?
- 6- Até quando os pais devem acompanhar a vida escolar dos filhos?
- 7- Você acredita que sem a participação dos pais na vida escolar, existe comprometimento dos filhos, existe aprendizagem?
- 8- O que você pensa sobre os pais que não acompanham a vida escolar dos filhos?
- 9-Você acredita que as crianças que apresentam baixo rendimento escolar são por falta de acompanhamento ou incentivo dos pais? Justifique sua resposta
- 10- Qual é a função dos pais com a escola?
- 11- Qual é a função da escola?
- 12- O que você pensa sobre uma parceria entre família e escola?
- 13- Você acredita que para o aluno ter uma aprendizagem mais significativa e que faça sentido para ele, é preciso a participação da família?
- 14- Você acredita que a escola sozinha oferece tudo de que o aluno precisa para garantir um bom desenvolvimento cognitivo, emocional e social? Por quê?